

Criação ex nihilo: teologia e ciência

[Texto em português](#) · [Ler no site](#)

Resumo

A doutrina bíblica da criação temporal *ex nihilo* tem recebido forte confirmação científica da física pós-relativista. Duas linhas de provas apontam para um começo absoluto do universo: a expansão do universo e a termodinâmica do universo. Em cada caso, as tentativas de manter um universo eterno no passado se tornam cada vez mais difíceis de defender. Dado o começo do universo, surge a questão da maneira em que o universo poderia ter vindo à existência. As tentativas de alguns físicos de manter que a física possa explicar a origem do universo a partir do nada se valem do uso equivocado do termo “nada” ou, então, são culpados de um deslize filosófico. A criação sobrenatural *ex nihilo* é a explicação melhor.

Originalmente publicado como: “**Creation ex nihilo: Theology and Science**”. Texto disponível na íntegra em: [/writings/popular-writings/existence-nature-of-god/creation-ex-nihilo-theology-and-science](#)

Introdução

“No princípio, criou Deus os céus e a terra” (Gn 1.1). Com majestosa simplicidade, o autor do capítulo de abertura de Gênesis diferenciou, assim, o seu ponto de vista, não apenas de antigos mitos de criação dos vizinhos de Israel, mas também, efetivamente, do panteísmo, conforme encontrado em religiões como o hinduísmo vedanta e o taoísmo, do panenteísmo, quer na sua vertente neoplatônica clássica, quer na teologia do processo no século XX, e do politeísmo, desde o paganismo antigo até ao mormonismo contemporâneo. Os escritores bíblicos nos dão a entender que o universo teve começo temporal e, portanto, implicam *creatio ex nihilo*, no sentido temporal de que Deus trouxe à existência o universo, sem causa material, em algum momento no passado finito. [1]

Além disso, os Pais da Igreja, conquanto pesadamente influenciados pelo pensamento grego, fincaram o pé na doutrina da criação, insistindo vigorosamente na criação temporal do universo *ex nihilo*, em oposição à doutrina helenística prevalente da eternidade da matéria. [2] Uma tradição de argumentação robusta contra a eternidade passada do mundo e a favor da *creatio ex nihilo*, oriunda do teólogo cristão alexandrino João Filopono (m. 580?), continuou por séculos no pensamento islâmico, judaico e cristão. [3] Em 1215, a Igreja Católica promulgou *creatio ex nihilo* temporal como doutrina oficial da igreja, no IV Concílio de Latrão, declarando que Deus é “o Criador de todas as coisas, visíveis e invisíveis... que, por sua força onipotente, do começo do tempo criou as duas ordens da mesma forma, a partir do nada”. [4] Esta declaração notável não apenas afirma que Deus criou tudo além de Si mesmo, sem recorrer a nenhuma causa material, mas até mesmo o tempo em si teve começo. A doutrina da criação está, portanto, inerentemente vinculada a considerações temporais e acarreta que Deus trouxe à existência o universo, em algum momento no passado, sem qualquer causa material antecedente ou contemporânea.

A cosmologia contemporânea e a criação ex nihilo

Neste artigo, deixamos de lado as fascinantes questões filosóficas suscitadas pela doutrina da criação *ex nihilo*, que busquei abordar alhures [5], a fim de me concentrar na relevância da ciência contemporânea, em particular, da astrofísica e, mais especificamente ainda, da cosmogonia física, para a criação *ex nihilo*.

Duas linhas de provas físicas independentes, mas estreitamente interrelacionadas, são relevantes à doutrina da criação *ex nihilo*: *provas da expansão do universo* e *provas da termodinâmica do universo*.

A expansão do universo

Física pré-relativista

Na física aristotélica, a matéria-prima, de que todas as substâncias físicas são compostas, é, como o próprio Deus, eterna e incriada. Ela subjaz ao processo eterno de geração e corrupção pelo qual passam as coisas no domínio sublunar. Em sua estrutura de larga escala, o universo permaneceu sem mudanças desde toda a eternidade.

Mesmo com a derrocada da física aristotélica na revolução científica completada por Isaac Newton, a pressuposição de um universo estático continuou incontestada. Embora o próprio Newton acreditasse que Deus criara o mundo, o universo descrito por sua física era, aparentemente, eterno. A suposição de que o universo nunca fora criado só foi corroborada ainda mais pela declaração de Hermann Helmholtz, no século XIX, das leis da conservação de matéria e energia. Uma vez que matéria e energia não podem nem ser criadas nem destruídas, deve sempre ter havido e sempre haverá um universo, isto é, o universo é temporalmente infinito no passado e no futuro.

De fato, já havia pistas na física pré-relativista — como o Paradoxo de Olbers de por que o céu noturno ser escuro, e não estar em chamas com a luz, se uma infinidade de estrelas existe desde a eternidade passada, ou como a Segunda Lei da Termodinâmica, que parecia implicar que o universo, se existe desde a eternidade, deve permanecer moribundo em estado de equilíbrio — de haver algo errado com a suposição prevalente de um cosmo eterno e estático. No entanto, tais preocupações persistentes não conseguiram derrubar o que, em todos os lugares, era tido por certo: o universo como um todo existe e existirá sem mudanças, para sempre.

A revolução causada pela relatividade geral